

Componentes homogêneos

Cultura e política não são como água e óleo, pelo contrário, se misturam! Hoje, a partir das 10 horas, na plataforma superior da rodoviária, entre o Conic e o Conjunto Nacional, ocorrerá mais um recital de poesias da "Campanha Nacional Por Uma Constituição Progressista".

Poetas, músicos, artistas plásticos, cineastas e outros animadores culturais estarão participando deste "atentado cultural" em que, segundo Sér-

gio Muylaerte, secretário-geral do Sindicato dos Escritores do DF, os trabalhadores culturais devem pedir que a sociedade vote apenas naqueles candidatos já comprometidos com a cultura". Fica então a pergunta: atentado cultural ou simplesmente comício?

É, acima de tudo, comício pela cultura, por uma política cultural, como fica evidenciado nestes artigos de Sérgio Muylaerte.

Política cultural e Constituinte

Quando os escritores de Brasília rasgaram o verbo na imprensa e nas praças em favor de candidatos, cujos nomes, há muito, consagrados pelo seu passado de lutas democráticas, estremeeceram-se alguns. Um atentado aos preconceitos que se prestam ao esmagamento das idéias e isolam os escritores de suas verdadeiras raízes. Política cultural é algo mais do que vencer preconceitos. Os escritores têm anseios comuns e seus problemas são estruturais, e não, conjunturais, como veremos.

Por sustentarem suas posições firmes e irredutíveis contra o processo de aculturação ultrapassando, os escritores sofrem, ainda hoje; por denunciarem um modelo concentrador de renda que impede o acesso do povo à cultura e por discordarem da utilização da indústria da cultura, como meio de dominação colonialista, pois se presta à reprodução deste capital. Por serem contrários à esta falsa cultura a que chamam "de massas", por manter um público, cativo e ingênuo, distante dos propósitos escusos desta iniciativa.

Os escritores são favoráveis à difusão da cultura, nacional ou estrangeira. Mormente, aquela que alarga os conhecimentos das artes e das ciências; do progresso alcançado pelos outros povos.

Os efeitos danosos da política cultural dependente estendem-se à desnacionalização dos costumes e à quebra de contato entre o povo e as suas raízes, segundo Octávio Yanni.

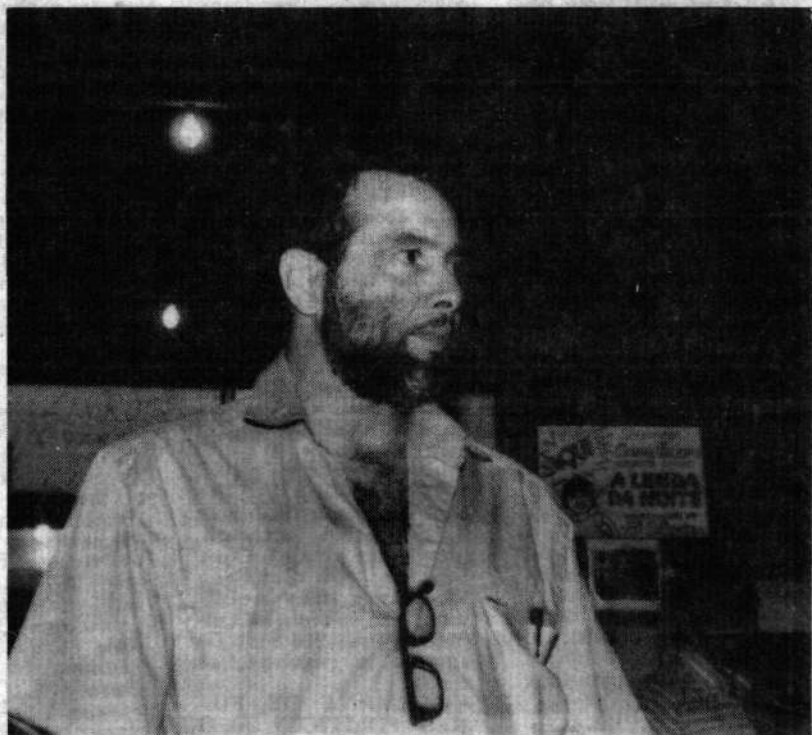
Dai, porque, os escritores es-

peram por uma Constituinte que represente os anseios das amplas comunidades, que aqui residem, trabalham e geram suas famílias. Segmentos sociais estes que extraem do suor a sua base de sustento e que, também, anseiam uma vida melhor.

Os escritores não compactuam com o escamoteamento da realidade e nem com os discursos desprovidos de propostas concretas, que geram a intolerância do eleitorado frente aos pretensos candidatos, embora lhes reconhecendo no direito de levarem avante as suas discussões vazias. Um abismo se abre entre os discursos e a ação prática os levará, certamente, à derrota, nas urnas.

A campanha pró-Constituinte democrática e progressista, no DF, resulta do espírito cívico de cada cidadão e de cada trabalhador da cultura, alinhado à uma definição clara sobre o momento de grande sensibilidade nacional.

O drama por que passam os escritores é o mesmo das maiores sofridas e silenciosas e, isto, tem que ser definitivamente compreendido. A política cultural do país, aniquilou as necessidades mínimas do povo. O processo de estratificação social se deteriorou e as alternativas possíveis se abrem agora, na busca de espaços justos e merecidos, ao lado daqueles que construirão um país livre, soberano, forte e voltado para os interesses do povo trabalhador, ou seja: na busca de um modelo político e econômico que a todos privilegie de forma distributiva e democrática.



Sérgio Muylaerte comanda hoje, o "atentado cultural"

Trabalho pela verdade e não pelo sonho

Sérgio Muylaerte*

Há quem tenha definido a Cultura Nacional como a total correlação entre todas as classes do país e de todos os países do mundo. Por isto, ela é tão importante para ligar a base de um povo. Por isto, tão importante a sua preservação, tanto quanto a tarefa de fortalecer as instituições culturais, os museus, os sindicatos de trabalhadores e as organizações voltadas para os interesses democráticos e populares. Através delas se reconhece, se avalia e se aperfeiçoam os padrões de informação de um povo, aparelhando-o para enfrentar as contradições em cada momento de sua história.

A Cultura Nacional não surge nos bancos da escola primária. Ela antecede a esta fase do ensino. Quando os povos ainda não conheciam a palavra escrita e se sinalizavam, intuitiva, intuitivamente, por meios autênticos de expressão. Imaginemos o ensino primário, no Brasil, e nele a inclusão da cultura dos povos pré-colombianos da América. Seria o caso de acrescentar o milênio à nossa história que, no entanto, só é estudada a partir do ano de 1500.

Gorki, depois de conhecer autores célebres como Stendhal, Balzac e Flaubert, concluiu que a linguagem de um povo é criada pelo próprio povo. E dizia que é perfeitamente correto que os provérbios e os refrões proporcionam uma expressão completíssima e fascinadora de como pensa a massa popular.

A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida, como afirma Sérgio Buarque de Holanda.

Nesta direção é que precisamos de avançar. O trabalho deve produzir uma política cultural realista que privilegie os valores da nacionalidade e o povo, através deles, possa confrontar a massa de informações veiculadas pela poderosa indústria que monitoriza a mídia da comunicação.

Se o homem brasileiro está, hoje, mais apto a discorrer sobre a cultura dos impetuosos desbravadores do velho oeste norte-americano e pouco sabe do processo de aculturação (ou de "feitorização") do Brasil-colônia, não é por mera casualidade; mas, a quem culpar por isto?!

Sempre oportuna a recomendação que nos faz Carlos Drummond de Andrade, para que se tome a poesia como a primeira visão das coisas e depois como veículo de informação prática e teórica. No entanto, escorregamos sempre o nosso jogo lúdico e a nossa magia, para os encantos da industrialização da cultura, como produto final de uma política inadequada, na qual a camuflagem serve de padrão de vida e se torna cada vez mais aceitável e natural.

A luta do "bem" contra o "mal", emerge desta impostura, como necessária a uma ordem de valores obsoletos, injustos e irreais, como o são os personagens, por ela moldados, para perpetrar a fome, o atraso, a opressão, a um só tempo e à nossa revelia.

O cineasta soviético, Tarkovsy, certa vez teria dito que a arte no Ocidente é um prazer, enquanto para o povo russo ela é oxigênio. A vida para ele, sem alguma forma de consciência espiritual, pareceria absolutamente impensável.

A Cultura jamais poderia ser tomada à parte da vida e imaginar o contrário é como pretender a política alheia do social — lembrava o escritor lusitano, Oliveira Lima. O que é uma necessidade de todos torna-se luxo para poucos, segundo o uruguaio Eduardo Galeano.

O que se sabe sobre a violência institucionalizada e sobre as campanhas pacifistas? Difunde-se protesto contra a censura mas a censura estrutural permanece estampada na face do desemprego, na falta de moradias, na falta de saúde e de escolas e na ampla disputa armamentista de mercado, entre as nações desenvolvidas, laureando-se aqueles que se ufanam da eficácia dos artefatos que inventam a destruição e a morte.

Eis, porque, a todos interessa a questão da Cultura Nacional, como algo que a futura Assembléia Nacional Constituinte, eleita, deverá discutir e fazer. Trata-se, hoje, de refazer, com urgência, a própria identidade nacional, mascarada pelo arbítrio e pela insensibilidade, tão desprovida dos valores autênticos do povo trabalhador. Deste povo que constrói a nacionalidade, na condição de grande protagonista; gente de carne e osso. É esta política Cultural de que o país necessita e reclama, pois, pelas verdades trabalhamos e não pelos sonhos, nas palavras de José Martí.

* Sérgio Muylaerte é secretário-geral do Sindicato dos Escritores do D.F.

Tem muito miado estranho

João Brecó — Poeta de Cordel

Tem muito miado estranho
Em riba do meu barraco
Por essas banda daqui
Tem bicho que eu nunca vi

Num sei se gato ou gatuno
De ouvido tomo tenência
Do bicho que vem de noite
Sem dá a cara pra gente

Se é bicho que evem de dia
No claro na luz do sol
A gente então aprecia
Pra vé se tem serventia

Se as garra que tá escondida
Se o pêlo e o couro é de lá
Se vem só pra dá mordida
Ou vem pela gente brigá

Tem muito gato atrevido
Que nada diz e que mente
Quer fazê nossos ouvido
De ourinol e de batente

Tem gato fino miando
Tem gato miando rouco

Tem candidato pensando
Que o povo aqui ficou louco

O gato nunca diz "não"
Miando estranho diz "sim"
É candidato azarão
Querendo virá tamborim

O gato a gente conhece
Já se sabe o que ele gosta
Quando na gente se roça
É bicho que ninguém esquece

Volta e meia-volta
Promete que dá presente
Promode não vendê voto
Nóis vai ficá mais contente

Todo gato é bicho esperto
Tem uns intê mais arisco
Mas nós vai sabê votá certo
Que daqui ninguém se arrisca

Gato é gato, é mesmo bicho
Homi é homi, outra famia
Todo mundo ouviu a dica
Pra votá na constituinte.